

O USO DO OPERADOR *MAS* COMO ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA EM ENTREVISTAS DE SELEÇÃO

Kelly Cristina de OLIVEIRA¹

RESUMO: Neste artigo pretende-se analisar os efeitos de sentido do operador argumentativo *mas* em entrevistas de seleção. Parte do *corpus* bem como o recorte da análise fazem parte da dissertação de mestrado da autora intitulado *O uso de estratégias argumentativas em entrevistas de seleção*. Sua coleta foi feita *in loco* e o método de transcrição seguiu as normas do Projeto de Pesquisa do NURC. Verificamos de que maneira os candidatos não apenas prestaram informações requisitadas, mas utilizaram estratégias argumentativas primordiais nesse processo que corroboram com a decisão de sua contratação ou não na empresa. A escolha analítica pelo *mas* se justifica pelo fato de ele estar, na maioria das vezes, relacionado ao implícito, fazendo com que outros sentidos ficassem subentendidos nos enunciados. Ademais, a construção da imagem que o candidato faz de si mesmo pelo e no discurso, *ethos*, ocorreu também mediante esses outros sentidos preestabelecidos no jogo argumentativo. Para esta análise, utilizaremos o arcabouço teórico da Semântica Argumentativa de Ducrot (1977, 1980, 1981, 1987), Vogt (1977, 1980), Guimarães (2001), Koch (2002, 2004), da gramática funcionalista de Neves (2000), entre outros autores que entendem os conectivos para além de seu uso normativo.

PALAVRAS-CHAVE: Retórica. Argumentação. *Ethos*. Operador argumentativo. Entrevista de seleção.

THE USE OF THE OPERATOR *BUT* AS AN ARGUMENTATIVE STRATEGY IN SELECTION INTERVIEWS

ABSTRACT: This article intends to analyze the meaning effects of the argumentative operator *mas* in an interview job. Part of the *corpus* as well as part of the analysis are part of the author master dissertation entitled *O uso de estratégias argumentativas em entrevistas de seleção*. The recording was done *in loco* and the transcription method followed the norms of Projeto de Pesquisa do NURC. We verified in which way the candidates not only provided requested information, but also used primordial argumentative strategies in this process that corroborate with the decision of hiring them or not in the company. The analytical choice of *mas* is justified by the fact that it is, in most cases, related to the implicit, causing other meanings to be understood in the statements. Moreover, the construction of the candidate's image of themselves through *ethos* and discourse also occurred through these other pre-established meanings in the argumentative strategy. For this article, we are going to use the theoretical framework of Ducrot's Argumentative Semantics (1977, 1980, 1981, 1987), Vogt (1977, 1980), Guimarães (2001) Koch (2002, 2004), Neves functionalist grammar (2000), among other authors who understand the connectives beyond their grammatical use.

KEYWORDS: Rhetoric. Argumentation. *Ethos*. Argumentative operator. Interview job.

1 Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Docente do Instituto Federal de São Paulo – *Campus* Bragança Paulista. Endereço eletrônico < kelly.oliveira@ifsp.edu.br >.

INTRODUÇÃO

A entrevista de seleção, apesar de ser considerada técnica não muito objetiva e pouco precisa, é a mais utilizada em empresas de todos os portes. Chiavenato (2004, p.106) afirma que *a entrevista pessoal é aquela que mais influencia a decisão final a respeito dos candidatos*; nela se encontram a organização, de um lado, e os candidatos do outro, que diferentes entre si, disputam o mesmo emprego. Por essa razão, *a seleção passa a ser configurada como um processo basicamente de comparação e de decisão (ibidem, p.49)*.

Por nem sempre acabar com escolhas bem sucedidas, esse processo é analisado por diversos especialistas de Recursos Humanos que buscam entender como o entrevistado deve se portar em uma entrevista de emprego, quais as melhores respostas que devem ser dadas ou evitadas, entre outros aspectos envolvidos nesse processo. Por meio de diversas publicações, como manuais de entrevistas, tratam de soluções que amenizem a insegurança do candidato, com o fim de evitar possíveis deslizamentos durante a entrevista. Apesar disso, ainda não se conseguiu esclarecer por que os candidatos que possuem qualificações parecidas são eliminados do processo seletivo, no momento da entrevista final de seleção.

Por isso, intriga-nos o fato de, em uma entrevista de seleção, não conseguirmos saber a razão da escolha de certo candidato e não a de outro, se ambos possuíam a “mesma qualificação profissional”, a “mesma faixa etária” e a “mesma formação escolar” (estar cursando, ou ter cursado o nível superior²). O que os diferenciou uns dos outros? Quais foram os critérios para a sua aprovação ou não aprovação? Quais foram os perfis mais adequados para a escolha? Seria possível investigar a eficácia argumentativa do candidato? Seria possível, com uma melhor oratória, que ele não consiga a vaga?

Propomos investigar, neste artigo, o problema em questão, tendo como princípio metodológico o estudo do uso da língua numa perspectiva Semântica Argumentativa. Esta abordagem permite-nos analisar a argumentatividade inserida na língua, como propõem os

² Essas foram as exigências para o cargo em questão. Os candidatos foram pré-selecionados por já terem esses requisitos. Nesta última fase da entrevista, não havia profissionais da psicologia ou questões envolvidas desta área.

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 67-95. Kelly Cristina de OLIVEIRA.

teóricos Ducrot (1977) e Vogt (1980). Os autores entendem que a significação possui instruções dadas, por isso caberia ao destinatário a função de interpretá-las, assim como também as possíveis estratégias e os encaminhamentos de que o locutor se serviu, considerando sempre a situação em que o enunciado foi utilizado.

Trabalhamos com a hipótese de que o que realmente importa em uma entrevista de seleção não é a simples coleta de informações, mas a forma como elas são prestadas, visto que o objetivo do candidato é apresentar-se ao entrevistador como funcionário ideal e, para isso, utiliza a linguagem como instrumento de convencimento e de construção de sua imagem, *ethos*, capaz de convencer o entrevistador de que é o merecedor da vaga em questão. Por ser considerada inerente ao diálogo, afirma Guimarães (2004, p.147), a linguagem propõe-se a atuar sobre o comportamento do outro.

Para recorte de análise, focaremos no uso do operador *MAS*, nas respostas dos entrevistados, numa perspectiva semântica argumentativa, a fim de verificar a eficiência argumentativa que esse operador pode trazer nos enunciados, o que poderia garantir uma melhor avaliação por parte do entrevistador e, ao entrevistado, um lugar na empresa.

O *corpus* é um recorte de três inquéritos que foram analisados na dissertação de mestrado da autora sobre entrevistas de emprego gravadas numa fita cassete³ e transcritos com detalhes não verbais, contendo ruídos como pigarros, monossílabos (*sim, é, etc*), pausas, silêncio, entonação, entre outros, seguindo as normas do Estudo da norma urbana culta da cidade de São Paulo (NURC/SP). As linhas que aparecem na descrição das entrevistas seguem a ordem do anexo que se encontra na dissertação. Os inquéritos são identificados como 1, 2 e 3, totalizando 3 inquéritos. Os entrevistadores como L1 e L3, e os entrevistados como L2.

O nome da empresa foi preservado, devido ao acordo prévio feito, bem como o nome dos entrevistados e entrevistadores. Os candidatos que fizeram parte das entrevistas do *corpus* para a vaga de *trainee* possuíam perfis semelhantes nos seguintes aspectos:

- idade: entre 18-21 anos;
- escolaridade: cursando entre 2º a 4º ano do curso superior;

³ Instrumento utilizado na época da coleta do *corpus*.

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 67-95. Kelly Cristina de OLIVEIRA.

- conhecimentos: Língua Inglesa (nível básico) e Informática (nível intermediário);
- conhecimentos gerais: já tinham passado em testes feitos pela agência contratada;
- experiência na área: não requerida;
- origem: selecionados nas universidades pela agência de emprego contratada.

Das três vagas oferecidas uma era para assistente de SAC (Serviço de Atendimento ao Consumidor) de assinantes de uma revista, as outras duas eram para promotor de eventos e promoções de assinantes de canal de televisão a cabo. Na primeira, concorreram entre si os entrevistados dos inquéritos 1 e 2. Na segunda, concorreu o candidato do inquérito 3⁴. Apesar de lidarmos com vagas diferentes, pudemos comparar o desenvolvimento dos argumentos dos três candidatos, visto que algumas perguntas foram parecidas e essenciais para o êxito dos concorrentes na entrevista de emprego, e as exigências para os candidatos foram semelhantes.

SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA E O OPERADOR ARGUMENTATIVO MAS

A *Semântica Argumentativa*, corrente que trata sobre as pesquisas da língua no âmbito sintático-semântico unidos à pragmática linguística, surge no final da década de 70 com os estudos de Oswald Ducrot (aluno de Benveniste) e Jean-Claude Anscombre, e no Brasil, com os estudos de Carlos Vogt (1977).

Anscombre e Ducrot propuseram na obra *Provar e dizer: leis lógicas e Leis Argumentativas*, 1981, um estudo argumentativo da língua, a partir da descrição semântica para procurar quais eram os mecanismos responsáveis pela sua interpretação, e chegaram à conclusão, a partir de *hipóteses externas e hipóteses internas*, que todo sujeito falante é capaz de atribuir valor semântico ao enunciado e que os valores determinados nos enunciados podem ser múltiplos.

4 O candidato foi o primeiro a fazer a entrevista, causou tanta empatia nos entrevistadores que estes optaram por não entrevistar outro concorrente.

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 67-95. Kelly Cristina de OLIVEIRA.

Os autores passaram a considerar a orientação argumentativa entre *conteúdos semânticos* de frases. Só assim, hipóteses de relação de sentidos dos enunciados poderiam ser explicadas. Para isso, propuseram estudar os operadores argumentativos - certos elementos linguísticos que integram o processo de utilização e ordenação de argumentos-, segundo uma *classe* e *uma escala argumentativa*. Ducrot (1981, p. 180-184) descreve que a primeira é composta por enunciados que levam o locutor a uma mesma conclusão, enquanto a segunda é uma classe argumentativa ordenada pela força menor e maior dos enunciados, que trazem uma marca na língua, ou seja, a argumentação não é derivada do uso dos enunciados, mas constitutiva deles.

A fim de distinguir escala de classe argumentativa, Koch (2004, p. 30) as organizou da seguinte forma:

Classe Argumentativa:

(conclusão R) = João é o melhor candidato.

Arg.1 – tem boa formação em Economia

Arg.2 – tem experiência no cargo

Arg.3 – não se envolve em negociações

etc.

Dessa forma, é possível perceber que todos os argumentos são capazes de influenciar o alocutário a concluir R.

Escala Argumentativa:

(Conclusão R) = A apresentação foi coroada de sucesso.

Arg.1 = estiveram presentes personalidades do mundo artístico.

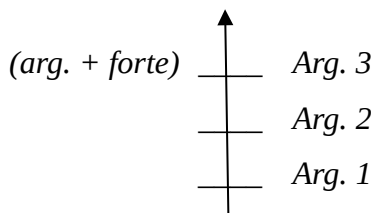
Arg.2 = estiveram presentes pessoas influentes nos meios políticos.

Argumento mais forte:

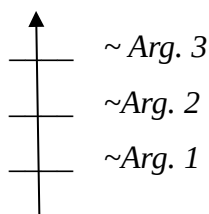
Arg.3 = esteve presente o Presidente da República.

Essa escala argumentativa pode ser representada da seguinte forma:

R: A apresentação foi coroada de sucesso



Por fim, Koch (2004, p. 30) ainda esclarece que se a mesma conclusão for negada, invertem-se os elementos da escala: (arg. + forte)



De modo geral, a *Semântica Argumentativa* permite-nos realizar um estudo direcionado para o sentido inscrito na própria língua, que é constituído por operadores argumentativos que conduzem o *interlocutor* a determinadas conclusões.

OS OPERADORES ARGUMENTATIVOS

A fim de analisar os operadores argumentativos, Ducrot (1987, p. 369) os distinguiu dos conectivos (conjunções). Estes pertencem à frase, encontram-se num nível elementar cujo significado é abstrato, mantêm a função de ligar frases e enunciados. Aqueles pertencem ao nível mais complexo, próprios do discurso, têm significados, e suas entidades são concretas.

Koch (2002, p. 103) ressalta que na gramática estrutural os operadores argumentativos são conectivos, morfemas gramaticais (*gramemas*) de tipo relacional que se opõem aos morfemas lexicais (*semantemas*, *lexemas*); na descrição linguística e na gramática gerativa eles são deixados em segundo plano. É só na macrossintaxe do discurso – ou semântica argumentativa – que eles são recuperados, considerados marcas fundamentais da enunciação, por determinarem o valor argumentativo dos enunciados.

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 67-95. Kelly Cristina de OLIVEIRA.

Entretanto, quando analisados na Semântica Argumentativa, esses operadores são marcas linguísticas capazes de apontar os possíveis objetivos dos locutários, pois conduzem a determinadas conclusões. Dentre os diversos operadores argumentativos, analisaremos o *MAS*, devido ao fato de ter sido o mais estudado entre os linguistas pela frequência com que aparecia em produções textuais orais e escritas. Pode-se, também, justificar tal escolha porque esse operador está, na maioria das vezes, relacionado com o implícito, fazendo com que outros sentidos fiquem subentendidos⁵ em um enunciado.

O OPERADOR *MAS*

Quando procuramos entender a função do *MAS* nas gramáticas normativas, encontramos a de enlaçar unidades que apontam oposição entre elas. Após estudos da linguística e da pragmática, essa noção foi revista e modificada porque era insuficiente para descrever os sentidos mais amplos que o operador recebia nos diversos usos da língua. Viu-se a necessidade de especificar melhor o seu papel no funcionamento da linguagem, alterando, assim, sua classificação.

Foi nessa perspectiva que Vogt (1980, p. 104) com colaboração de Ducrot propuseram analisar as conjunções como operadores argumentativos, sugerindo, especificamente, que o *mas* fosse dividido em dois tipos: o que equivale ao **SN** (do espanhol *sino* e do alemão *sondern*) e o que equivale ao **PA** (do espanhol *pero* e do alemão *aber*). O *mas SN* serve para retificar, vem sempre depois de uma proposição negativa = *não~p mas q* (*ele não é inteligente, mas SN apenas esperto*) e não tem função argumentativa, pois não permite uma descrição polifônica. O *mas PA* orienta o enunciado para uma conclusão *não r* oposta a uma conclusão *r* e possui função argumentativa (*ele é inteligente, mas PA estuda pouco*). Em nossa

5 Koch (2002, p. 59) esclarece que *a pressuposição se define basicamente pela lei do encadeamento: só se encadeia sobre o posto, sendo a informação pressuposta apresentada não como o tema do discurso ulterior, mas apenas como o quadro no qual ele irá se desenvolver. A noção de subentendido passa a ser reservada para designar os efeitos de sentido, aqueles que surgem na interpretação quando se reflete sobre as razões de uma enunciação, perguntando-se por que o locutor disse o que disse, e quando se considera tais razões como parte integrante do que foi dito.*

análise, tanto o *mas* **SN** quanto o *mas* **PA** possuíam funções argumentativas e, por essa razão, o *mas* não será distinguido entre as duas funções.

Além dessas formas propostas pelos autores, pudemos analisar, neste artigo, o *mas* nas seguintes ocorrências: *início de turnos, introdução de novo tema, direcionamento de enunciado de modo independente, negação de inferência anterior e contraposição em direções opostas*. Para estas formas do *mas*, utilizamos a proposta de Neves (2000, p. 757), cuja gramática parte de uma análise semântica e funcional de usos do português falado, assim como a de Castilho (2004).

Para Castilho (2004, p. 47), o *mas* como início de turno não é operador argumentativo, mas um marcador conversacional, ou seja, elemento que trabalha não apenas como aquele que amarra o texto, mas como o que estabelece uma interação interpessoal. Castilho (2004) e Fávero *et al.* (2005, p. 45) afirmam que os marcadores conversacionais podem ser encontrados em: *recursos prosódicos tais como pausas, articulação enfática, alongamentos, certos itens lexicais e pré-lexicais, ou mesmo expressões mais complexas (...) funcionando como articuladores da conversação*.

Ao utilizar certos operadores argumentativos, além de outras estratégias argumentativas, o entrevistado expõe o seu *ethos*. Charaudeau (2006, p. 117-184) ao estudar a noção de *ethos*⁶ classificou-o em critérios variáveis, considerados de acordo como cada sociedade os interpretava e os aceitava. Sua divisão aproxima-se do que é requerido e avaliado em um candidato, por isso destacamos os de:

- **Competência:** Mostra ter domínio, conhecimento e habilidade para exercer determinada função;
- **Caráter:** Quando há desejos em defender valores como honestidade, justiça e a integridade de sua sociedade;

6 O *ethos* já era utilizado desde a retórica antiga. Cohen *et alii* (1975) afirmam que *Ethe definia-se como os atributos do orador: (...) São os traços de caráter que o tribuno deve mostrar ao auditório (pouco importa a sua sinceridade) para causar boa impressão: são suas aparências. (...) O orador enuncia uma informação e, ao mesmo tempo, afirma: sou isso e não aquilo*.

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 67-95. Kelly Cristina de OLIVEIRA.

- **Inteligência:** Diz respeito à admiração e ao respeito dos indivíduos, é um imaginário coletivo que testificam a maneira como os membros de determinado grupo social concebem a inteligência, a valorizam, por isso sua definição é mais complexa.

O que podemos concluir é que o *ethos* é a impressão que o orador estabelece de si mesmo, seja ela qual for, não pelo que diz de si mesmo, como já propôs Ducrot, mas a partir de marcas deixadas em seu discurso. O êxito da intenção persuasiva está condicionado à maneira como o sujeito fala, sua entonação, suas escolhas lexicais para demonstrar a imagem que for mais conveniente.

O VALOR DO MAS QUANDO INICIA TURNOS

O uso do *mas* em início de enunciados, de turno, ocorre obedecendo a regras pragmáticas (NEVES, 2000, p. 67). Nessas construções o *mas* foi empregado para questionar o que foi enunciado. Neste caso, o *mas* também pode ser usado quando é solicitada uma determinada informação por causa do enunciado anterior, para conseguir mais dados em um contexto maior, ou na própria situação dita (NEVES, 2000, p. 768).

No exemplo a seguir, inquérito 1, L1, entrevistador, pede que L2, entrevistada, diga duas coisas que a incomodam. A candidata responde, mas sua resposta não é completa. Com o objetivo de conseguir uma informação mais exata da própria situação, o entrevistador introduz a pergunta a partir do que foi dito pela candidata:

Inquérito 1

Linhas 309-314:

L2 duas coisas que me incomodariam:::... ah:: vamos supor... ce... eu... eu não gosto muito de:: de:: errar... sabe? se eu ERRAR assim::: aí eu acho que eu iria ficar::: mais comigo...

L1 clar/é mais com você...?

L2 éh

*L1 **mas** o errar... em que sentido? por que er-rar a gente erra*

Dessa forma, o entrevistador obtém dados mais detalhados e consegue particularidades não respondidas anteriormente. A candidata dá uma resposta que gera novamente a necessidade de obter informações mais objetivas:

Inquérito 1

Linhas 315-324:

L2 errar por por bobeira assim... desatenção sabe?

*L1 **mas** errar:: ... tudo bem cê cometeu um erro:: ... e... esse erro... éh... cê num gosta de errar e alguém FALAR com você... olha cê erro... como que é isso?*

[

L2 não

L2 não... acho que tem que falar

*L1 tá... **mas** cê fica se cobrando é isso?*

[

L2 éh... errado seria... éh...

[

L3 cê se cobra muito nos seus erros

L2 éh...

O selecionador faz possíveis interpretações permitidas pela resposta anterior em sua pergunta. Direciona, de certo modo a resposta, quando enfatiza *e alguém FALAR com você*, deixando claro a ideia: *não gosta que alguém a corrija*. A candidata logo corrige o possível equívoco: *não, acho que tem que falar*.

O modo de construir o significado está relacionado não só em função do que o enunciador já disse, mas, conforme Maingueneau (1996, p. 19), *também se realiza nas hipóteses que ele estrutura sobre as capacidades interpretativas desse último*. Por isso L1 utiliza novamente o operador *mas* para expandir a pergunta de forma subjetiva.

Na medida em que estende a pergunta, percebe-se que L1 auxilia a candidata a respondê-la melhor, completa as ideias, oferecendo opções de respostas, de acordo com sua própria opinião sobre o que é errar, comportamento considerado subjetivo e ineficaz para esse processo que deveria ser o mais objetivo possível. Tal ato pode ser entendido como indício de favoritismo concedido à candidata, que pode ter conseguido expor uma imagem ideal e, assim, ter conquistado a confiança do entrevistador.

O VALOR DO MAS QUANDO INTRODUZ UM NOVO TEMA

O emprego do *mas* pode marcar a ruptura na ordem do enunciado. Ao introduzir um novo tema, deixa subentendida a ideia do contraste e uma progressão ao tópico, marcando a

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 67-95. Kelly Cristina de OLIVEIRA.

chamada progressão temática (NEVES, 2000, p. 769). Esse tipo de recurso foi usado mais pelos entrevistadores, já que detinham o turno da entrevista.

No inquérito 1, L1, entrevistador, explica qual será a função daquele que preencher a vaga para *trainee*. A seguir, inicia um novo turno, introduzindo o tópico discursivo *se essa responsabilidade é confortável para a candidata*:

Inquérito 1

Linhas 538-543:

L1 o que que essa pessoa vai ser responsável/é lógico é uma posição de estágio... a gente sabe que... éh... tem... esse lanc/toda responsabilidade é... ela tá vinculada a aquilo que você tem de experiência... você é estagiária::: então...

[

L2 ce:: rto

L1 mas é é tranquilo... é confortável pra você? Legal... cê tem mais alguma dúvida?

turno: *mas é tranquilo... é confortável pra você? legal*

No inquérito 3, esse tipo de formulação de perguntas ocorreu com maior frequência. L2, entrevistado, desenvolve o seu turno a respeito do tópico discursivo sobre o antigo emprego, quando estava quase coordenando uma das equipes. Isso conduz L1 a questionar um novo tópico se L2 *saía na rua*:

Inquérito 3

Linhas 167-127:

L2 e depois de quase um ano que eu tava lá eu já tava quase que assumindo uma das equipes...

L1 uhn uhn

L2 mas eu... eu

L1 mas cê saía na rua?

L2 não... eu ficava trabalhando só no escritório

turno: *mas cê saía na rua?*

No mesmo inquérito, L1 utiliza novamente o *mas* para iniciar outro tópico discursivo, dando continuidade ao tema anterior *frequentar aula de inglês*. Ao dizer que não adiantava frequentar aulas de inglês e falar só durante as aulas, o entrevistador entende que o candidato poderia não gostar do que fazia e que, por isso, não aprendia. Essa dúvida é tirada quando introduz a pergunta com o uso do operador *mas*, em seguida recebe a resposta afirmativa:

Inquérito 3

Linhas 318-323:

L2 outra coisa era ficar uma hora lá na aula mas saía de lá falava inglês durante uma se/falava português durante uma semana...

L1 ah isso é o de menos

L2 né? então pra mim isso não adiantava em nada assim

*L1 **mas** cê gosta de inglês?*

L2 gosto

turno: *mas cê gosta de inglês?*

No próximo turno, L2 explica que melhorou o inglês vendendo *sushi* de mesa em mesa na Nova Zelândia, L1 interessou-se por saber se a empresa era japonesa:

Inquérito 3

Linhas 334-339:

*L1 **mas** a ah:: era japonesa? a empresa?*

L2 a empresa... a dona do:: do estabelecimento era coreana

L1 coreana?

L2 éh

L1 e falava o quê?

L2 inglês

turno: *mas a ah:: era japonesa? a empresa?*

Em outro momento da entrevista, L1 discorre o tópico discursivo sobre como L2 conseguiu ir para Nova Zelândia sem visto, por falha do consulado. Ao contar o ocorrido, não deixa claro como conseguiu resolver esse problema, por isso L1 introduz um novo turno:

Inquérito 3

Linhas 469-483:

L2 eu tinha/eu entrei como/eu fui sem visto inclusive foi uma falha da do consulado aqui eu fui aqui eles falaram que eu queria estudar/eles falaram que eu tinha que ter um visto de estudante então pra eles iam me dar um visto do período que iniciava meus estudos até o dia que acabava...então eu tinha que ter tudo PAgO eu tinha que tudo fechado e eu num queria fazer isso eu queira ir lá escolher a escola conhecer primeiro então ela falou cê vai sem visto cê chega lá cê pega um de três meses de visitante...que lá você se regulariza quando cê ... definir a escola que você vai estudar e eu cheguei lá e a história não era essa falaram que eu tinha que ter pelo menos o carimbo de visitante pra chegar lá...

L1 NOSSA

L2 e eu falava pouco inglês então foi um maior

*L1 **mas** conseguiu resolver?*

L2 não... consegui... consegui resolver e depois você pode como visitante prolongar teu visto... por um ano desde que você tenha mil dólares por mês pra sobreviver entendeu?... cê tem que provar que cê tem mil dólares pra isso

turno: *mas conseguiu resolver?*

O emprego do operador *mas*, nesses casos, ora serviu para que mais detalhes fossem dados às informações prestadas, ora foi usado para que um novo tópico discursivo viesse à tona, não se restringindo, como prevê a gramática normativa, apenas à contraposição de ideias, embora em alguns casos contrastasse com o tema anterior. Em relação à introdução do tópico discursivo, o operador *mas*, nesse sentido, foi mais utilizado pelo entrevistador. Pelo papel institucionalizado que exerce na relação entrevistado/entrevistador, detém quando, quanto e como perguntar e, assim, direciona a entrevista, a fim de alcançar o objetivo pretendido: escolher o candidato ideal.

O VALOR DO MAS QUANDO DIRECIONA O ENUNCIADO DE MODO INDEPENDENTE

O *mas* pode ser empregado para direcionar de modo independente um novo argumento, iniciado, geralmente, por um enunciado **hipotético interrogativo**. Nesse caso, o argumento anterior é considerado insuficiente, mesmo quando admitido (NEVES, 2000, p. 768).

Em continuidade ao tópico anterior *como a candidata se estressa (linhas 138-144)*, L2 relata que compareceu para dar aula como monitora, em um horário que não fora proposto pelo curso, mas que a estudante faltou. Isso gerou uma tensão. L3 inicia um novo tópico discursivo *como essa situação foi transmitida para a estudante*. A candidata diz que não encontrou mais com a pessoa. Não satisfeito com a resposta, o entrevistador utiliza uma pergunta hipotética introduzida pelo operador **mas**:

Inquérito 1

Linhas 149-155:

L2 *ela não foi... e eu fiquei lá... aí me estressei... ((risos))*

L3 *como que você passou isso pra ela depois?*

L2 *el/ela não me/não me ligou mais((risos))*

L3 *não apareceu*

L2 *não me procurou mais... ((risos))ela não apareceu...*

L3 **mas** *se tivesse encontrado com ela você faria como?*

L2 *ah eu... ia perguntar porque ela não tinha ido...*

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 67-95. Kelly Cristina de OLIVEIRA.

Perg.: *como que você passou isso pra ela depois?*

Resp.: *ela não ligou mais ((risos)).*

Perg. hipotética: **mas** *se tivesse encontrado com ela você faria como?*

Só assim o entrevistador recebe a resposta: *ia perguntar por que ela não tinha ido.* Nessa informação, a candidata deixa implícito que o melhor a fazer nessa situação é dialogar.

Em um novo tópico discursivo, L1 quer saber o que o antigo empregador diria da candidata se os selecionadores ligassem para ele. A fim de acentuar que se trata de uma situação hipotética, afirma: *a gente não vai ligar*, após repete a pergunta: *mas se a gente fizesse?:*

Inquérito 1

Linhas 364-378:

L1 legal... lá... na monitoria cê tem alguém que cê... cê se reporta com o professor é isso?

L2 ahn ahn

L1 que lá em tese... é um/um... entre aspas teu chefe?

L2 éh

L1 éh isso?

L2 ah...

L1 cê olha lá como é que tá o trabalho como é que tá... quais as dúvidas que tão/são mais FREQUENTES... é mais ou menos isso?

L2 éh...

L1 se a gente ligasse pra ele...

[

L2 ah?

L1 e perguntasse como é a L... o que se acha que ele falaria pra gente?

L2 ah:... num sei ((risos)) ah... ele... sei lá...

*L1 a gente não vai fazer **mas** se a gente fizesse?*

Hip. Arg. = *a gente não vai fazer **mas** se a gente fizesse?*

Com essa pergunta, na verdade, o entrevistador quer obter a seguinte informação implícita: *como uma terceira pessoa a define?* O entrevistador faz simulações de situações a partir do enunciado hipotético interrogativo para saber de que forma a candidata se avalia.

O VALOR DO MAS QUANDO NEGA INFERÊNCIA ANTERIOR

Em seu uso mais comum, o *mas* contraria a inferência de um enunciado dito anteriormente. Enquanto no primeiro elemento há a asseveração, no segundo incide a não aceitação sobre a inferência do que já foi assegurado (NEVES, 2000, p. 762).

No inquérito 1, os entrevistadores L3 e L1 desejam saber de que modo a candidata fica estressada, tensa. L2 responde com o exemplo de sua monitoria. Contou que uma certa estudante desejava ter orientação em um horário diferente daquele que era oferecido. A monitora concordou e relatou aos entrevistadores que, apesar de não ser o seu horário, ela compareceria aos encontros:

Inquérito 1

Linhas 138-144:

L3 como que você fica estressada?

L2 na... ah vamos supor eu fico estressada... uma menina... um exemplo... ela... eu... dou uma vez por semana... meu horário é uma vez por semana...

L1 certo

[

*L2 a menina chegou pra mim e falou assim... ah daria pra você tá vindo na sexta aqui... falei não... tudo bem... eu venho... NÃO É O MEU HORÁRIO **mas** eu... taria indo pra/*

Analisando o enunciado, verificamos que a segunda expressão nega a **inferência** da primeira:

*(Não é o meu horário X **mas** eu... estaria indo)*

*(= eu não deveria ir fora do horário, **mas (ainda assim)** eu iria.)*

A candidata enfatiza primeiro o fato de não ser o horário estabelecido para exercer a monitoria, porém podemos observar que com o uso do **mas** essa ênfase passa a ser no segundo período. Fortalece o *ethos de competência*, pois deixa claro que cumpre suas obrigações mesmo fora do horário estabelecido pela instituição de ensino; ela é uma funcionária que está à disposição da empresa.

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 67-95. Kelly Cristina de OLIVEIRA.

No inquérito 3, o tópico discursivo discorre sobre o fato de o candidato ter começado a trabalhar com quinze anos, mesmo sem necessidades financeiras, pois o pai tinha condições de manter os gastos do adolescente; visto que, posteriormente, incentivou e custeou uma viagem para o exterior:

Inquérito 3

Linhas 117-133:

L2 tinha quinze anos

L1 por que que você trabalhou lá tão cedo?

L2 fui trabalhar tão cedo também não sei...foi eu acho que talvez uma exigench / exigência do meu pai assim

L1 ahn::

L2 éh:: eu tava numa época que eu tava no no ginásio/terminando o ginásio e o:: meu pai tinha me proporcionado uma/duas viagens pro exterior... e:: foi meio que uma contrapartida assim... entendeu? trabalhar e tá estudando... e::

L1 ah... tá... mas você não precisava trabalhar então?

L2 não... em tese não em tese não

L1 cê poderia...

L2 eu poderia

L1 seu pai poderia... te banCÁ

*L2 em tese/é exatamente **mas** até por uma questão de formação... meu pai sempre insistiu em tá trabalhando desde pequeno pra tá valorizando... o traBAIho e:: também quando tivesse na faculdade eu já tá com currículo um pouco meLHOR... digamos no mercado*

*(em tese o pai poderia bancar X **mas** queria que valorizasse o trabalho)*

*(= tinha tudo para não deixar o filho trabalhar, **MAS** preferiu ensinar o valor do trabalho)*

Na primeira proposição está implícita a ideia de probabilidade (indica algo que pode ou não acontecer) contida pelo futuro do pretérito composto (*poderia bancar*), o *mas* traz a ideia da negação = **não bancou**. No segundo período também está contida a ideia de probabilidade com o uso do futuro do pretérito simples (*queria*) mais o imperfeito do subjuntivo (*valorizasse*): (*queria que valorizasse o trabalho*) = **ele ainda não valorizava o trabalho**.

Podemos verificar dois argumentos contidos nessa informação. O primeiro diz respeito a alguém que poderia optar por não trabalhar (pois o pai tinha a possibilidade de sustentá-lo) mas que não aceita a condição, mostra *o ethos de caráter* de alguém que valoriza o esforço do

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 67-95. Kelly Cristina de OLIVEIRA.

pai. O segundo refere-se aos princípios que aprendeu com o pai, o valor do trabalho, ou seja, o quanto era essencial desenvolver plenamente a sua própria realidade, criar bases dessa realidade sociocultural. Por fim, acrescenta o argumento final com o uso do operador *e* que reúne argumentos da mesma força argumentativa e *também* que inclui mais um argumento: ***e também ter o currículo um pouco melhor no mercado.*** Esses argumentos levam o entrevistador a favor de uma mesma conclusão: *o candidato tem mais experiência que os outros; é competente:*

Arg. 1 = tem iniciativa própria, preferiu trabalhar

Arg.2 = valoriza o trabalho, sabe o que ele significa.

r = tem um currículo um pouco melhor

No inquérito 2, L2 discorre sobre *o que faz quando o serviço fica pendente porque depende de terceiros*. Primeiro relata que tem de aguardar e que transmite um relatório com algumas informações incompletas. Em seguida, introduz o argumento de que o chefe sabe que essa pendência pode acontecer, antecipando-se a um outro possível questionamento e, até mesmo, eximindo-se de algum problema que isso causaria ao seu superior:

Inquérito 2

Linhas 146-149:

L2 então:: o aí:: fi::ca meio na dependência das pessoas isso não é MUITO BOM

L1 e aí como é que você faz aí?

L2 aí tem que/tem que esperar às vezes eu passo assim meio que pende::nte mas...aí ele ele sabe que às vezes a informação depende de outras pessoas

*r (passo pendente **mas** ele sabe que às vezes a informação depende de outras pessoas)*

*(=passo (o relatório) com atraso **mas** ele (o chefe) sabe que não é minha culpa)*

Há no primeiro segmento a admissão de um fato: *passo pendente*; no segundo, há uma negação da ideia anterior: *mas o chefe sabe que depende de outras pessoas*. Trata-se de ideias opostas, pois que um chefe, dificilmente, aceitaria essa situação de atraso (o que não acontece com o do candidato). Esse contraste de ideias pode ser ratificado se for lexicalizado pela expressão ***apesar disso, ainda assim:***

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 67-95. Kelly Cristina de OLIVEIRA.

(=passo com atraso **mas**, **apesar disso**, o chefe sabe que não é minha culpa)

Nesse mesmo inquérito, a respeito do tópico discursivo anteriormente analisado, L1 desenvolve o turno *como é o seu chefe*. Ao formular a pergunta, a faz de forma sugestiva, pois oferece opções de respostas: *é um cara estressado? entende as dificuldades? Ou não?* L2 responde que o patrão é compreensivo, mas exige que os funcionários cumpram aquilo que lhes for determinado:

Inquérito 2

Linhas 170-173:

L1 e como que ele é? ele é um cara assim ESTRESSA::DO?é um cara que

ENTE:: NDE essas dificuldades ou não já::?

*L2 não... entende... **mas** ele/ele é uma pessoa que cobra bastante assim*

[

L1 sei

(=entende... **mas** ele(o chefe) é uma pessoa que cobra **bastante assim**)

O fato de entender as dificuldades não o torna passivo em relação a cobranças. Isso mostra também que o candidato trabalhava com uma pessoa exigente. Podemos ver essa informação explícita na sequência, intensificada pelo uso dos advérbios *bastante* e *assim*.

Mais adiante, L2 desenvolve o tópico discursivo sobre *expectativa de ser efetivado*. Há uma contraposição de ideias entre *a esperança* e *a dificuldade* de efetivação:

Inquérito 2

Linhas 197-205:

L3 licença um pouquinho... lá na T. cê não tem nenhuma... expectativa de... efetivação?

*L2 tenho **mas** é difícil assim é:: é:: bastante é:: falam que:: pelo pelas estatísticas assim que falam... é:: até que não é tanto mas... na prática assim é é parece ser difícil assim a efetivação... depend/tem vários fatores né que depen/*

L1 uhn uhn depende da ESPA::NHA... nhá nhá nhá

*L2 é depende DA ÁREA depend/ **além do que** a T. é uma empresa assim pra:: tá :: tá em constante mudança assim então cê fica que meio numa instabilidade assim*

r (=Tenho expectativa X **mas** é difícil assim... é bastante.)

O argumento mais importante é introduzido posteriormente ao primeiro. Agregado a isso, há novamente o emprego do advérbio **bastante** que intensifica o argumento *é difícil*.

Ainda nesse inquérito, L2 está desenvolvendo o tópico: *oportunidade de efetivação para estagiários*, buscando explicar por que é difícil um estagiário da empresa, na qual trabalha, conseguir ser efetivado e que o estagiário é tratado como mão de obra barata:

Inquérito 2

Linhas 265-278:

L3 não surgiu a oportunidade lá dentro assim? cê tentou?

L2 na minh/na minha área como ela é... é bem reduzida assim... ela:: é meio difícil assim porque tem pessoas assim

L3 não não fa/fala da da área a T. empresa é uma empresa grande assim né?

L2 isso... ah não.. eu acho que::... éh porque num é difícil assim internamente você... é estagiário né porque efetivo você tem tem processos lá de:: ntro assim

L1 uhn uhn

L2 mas pra estagiário estagiário é meio que... meio que jogado de escanteio assim meio que faz tudo **mas** na hora de na hora de... efetiva:: bem aquele negócio de obra barata assim

L1 cê acha que é assim? você vê dessa forma lá?

L2 ah... acho que sim

Analisemos os enunciados:

r (=O estagiário faz **tudo** ... **mas** não é efetivado)

Temos a primeira ideia reforçada pelo uso do pronome **tudo** e nela uma expectativa, pois se espera, no mínimo, uma gratificação para aquele que faz *tudo* sem exceção. Entretanto, quebra-se essa afirmação com o uso do operador **mas** que, unido à informação *não é efetivado*, reforça o argumento de que o estagiário é tratado como mão de obra barata, ou seja, não tem o seu devido valor reconhecido:

1: Afirmação plena = O estagiário faz **tudo**

2: Nega a afirmação anterior = **mas** não é efetivado

r: *bem aquele negócio de obra barata assim*

Atentemo-nos para o fato de que há uma contradição entre o propósito do candidato que busca uma vaga de estagiário e seu discurso, o que acaba gerando conflito com o selecionador⁷.

No inquérito 3, L2 desenvolve o tópico discursivo sobre *demissão*. Trata-se de um tema delicado; pois, segundo Lodi (1991, p. 123) e Case (2004, p. 279), geralmente existe um preconceito associado a esse assunto⁸. O candidato desenvolve uma série de justificativas para o seu desligamento. Inicia contando que a empresa, em determinado momento, não teve ética, estava com problemas financeiros, recebeu proposta de compradores, aceitou e cometeu um delito. Além disso, não recebia o salário, atraso que perdurou por mais alguns meses:

Inquérito 3

Linhas 238-251:

L2 e:: eu lembro que:: houve uma proposta do:: do grupo americano pra comprar a empresa e:: la

L1 não aceitou?

*L2 ela aceitou a grana **mas**:: sumiu depois com a grana (roubou)*

L1 NOSSA que coisa chata

*L2 éh... **mas** como eu já vinha da de uma outra empresa que tava passando uma situação... semelhante quando eu comecei a ver que o negócio ia bem eu eu pedi demissão*

L1 tá

L2 entendeu? porque eu já tava lá uns... quase dois meses trabalhando sem receber NADA

L1 ah:: cê não tava recebe:: ndo

L2 éh começou né começou é com uns atrasos depois o atraso ficou GRANDE e daí eu falei... não

r (=ela aceitou a grana **mas**:: sumiu depois com a grana (roubou))

⁷ Mais adiante, esse tópico foi discutido e não favoreceu a escolha desse jovem que estava sendo selecionado como *trainee*.

⁸ Os motivos de saída são um dos assuntos mais delicados e sensíveis, dando margem a muitas interpretações (...). As mudanças frequentes podem ser causadas pela pressão econômica e pelos hábitos pessoais. A pressão econômica pode fazer de um funcionário inteligente, oportunista. Se o motivo mais frequente indicar fricção na área de trabalho, convém saber se a mesma se origina de um temperamento difícil, inflexibilidade, intolerância, hipersensibilidade ou imaturidade (LODI, 1991, p.123).

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 67-95. Kelly Cristina de OLIVEIRA.

A primeira afirmação torna-se irrelevante: *ela aceitou a grana*, frente à nova informação: *sumiu com a grana*, causando espanto em L1, já que esse comportamento (o roubo) não é comum a pessoas de bem, fere os princípios éticos sociais.

Atentemos também para o outro emprego do *mas* em:

r (éh... mas como eu já vinha da de uma outra empresa)

Mas como (por que, por causa de) dá a ideia de causa, numa relação de causa e consequência com o enunciado anterior *venda da empresa*, e contribui para construir a justificativa de sua demissão, pois não estava recebendo seu salário e isso já acontecera em outra organização. Esses argumentos tornam-se, então, mais do que suficientes para explicar o motivo de sua saída.

O tópico discursivo, a seguir, no mesmo inquérito, discorre sobre a viagem que L2 fez para a Nova Zelândia. O candidato diz que ficou lá um ano, de três a quatro meses estudando, logo em seguida contrasta essa ideia com o trabalho que realizava, tirando a possível impressão de que apenas estudava:

Inquérito3

Linhas 288-293:

L2 foi muito interessante uma viagem...nossa que eu aconselho pra todos os meus amigos... eu fui fiquei/

L4 ficou um ano lá?

*L2 fiquei um ano lá fiquei de três a quatro meses estudando **mas** trabalhando o tempo todo também... então tive diversas experiências fiz de tudo um pouco ah:: fui desde ah:: como eu di:: go?*

*R (=fiquei de três a quatro meses estudando **mas** trabalhando o tempo **todo também**)
(Ele estudava e **também** trabalhava o tempo todo)*

Com o uso dos operadores *mas* e *também*, o candidato reúne argumentos da mesma força argumentativa numa mesma escala. O entrevistado preocupa-se em destacar bem a ideia de ser uma pessoa que exercia muitas atividades, pois *trabalhava o tempo todo*, o tempo total. Usa outro operador **também**, para indicar a comparação com o período em que estudava e expressar condição de equivalência ou de similitude com que se dedicava ao

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 67-95. Kelly Cristina de OLIVEIRA.

estudo, e de uma certa forma essa comparação é superior a anterior. Tem-se uma orientação argumentativa para a ideia, mais uma vez, de o candidato ser trabalhador.

O próximo turno discursivo, também no mesmo inquérito, diz respeito à *condição financeira da família para sustentá-lo na Nova Zelândia*. O entrevistador quis saber se o pretendente tinha, de fato, autonomia para viver sozinho no exterior ou se era ainda sustentado pelo pai. L2 responde que o pai enviara dinheiro somente uma vez, mas depois conseguiu arcar com as próprias despesas:

Inquérito3

Linhas 453-461:

L1 que lá você se mantinha o com o que você ganhava lá?

L2 que eu ganhava lá

L1 teu pai não mandava nada tipo de grana... pra você?

L2 não não mandou/mandou uma vez que eu pedi... mas eu consegui me sustentar foi motivo de orgulho inclusive... não não é difícil também né:: lá os empregos... ah... desse nível

L1 ok

L2 né? mais braçal digamos... num ah:: eles são valorizados naturalmente até porque o cara que é chaveiro éh:: tem a mesma grana do cara que é médico assim...

(=mandou uma vez que eu pedi...mas eu consegui me sustentar foi motivo de orgulho)

Mais uma vez, enfatiza sua face positiva, mostrando *o ethos de competência de inteligência*, pois provia seu próprio sustento em outro país (o que é mais dificultoso) e que isso foi motivo de dignidade pessoal. Depois, demonstra a aptidão que teve para aceitar um emprego considerado *inferior = braçal*, referindo-se à função de *sushi guy*. Assim, deixa implícitos dois argumentos:

Arg. 1 = É independente para suprir necessidades pessoais.

Arg. 2= Aceita trabalho braçal.

O entrevistador pode deduzir que o candidato: aceita desafios (mesmo com a pouca idade que tem, 22 anos); é independente; sabe lidar com situações inusitadas; é responsável. Tudo isso se torna extremamente positivo e um diferencial em relação aos demais concorrentes à vaga.

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 67-95. Kelly Cristina de OLIVEIRA.

Outro uso do operador *mas* aparece mais adiante. Nesse turno, o locutor discorre sobre *saber separar vida profissional da pessoal*. L2 explica que apesar de ser quase impossível que o indivíduo consiga dissociar problemas profissionais de pessoais, deve tentar conciliar e dividir as duas situações. O entrevistador questiona essa afirmação: *você acha que dá pra separar?* O candidato afirma que *sim*, mas em seguida mostra-se inseguro e usa o modalizador *acho*: *ah sim eu acho*.

O selecionador questiona novamente essa afirmação: *eh?* E a resposta é novamente iniciada pelo *acho*: *eu acho*, colocando o enunciado ao nível do parecer, da dúvida; o candidato não assume totalmente seu discurso, decide por não totalizar a sua resposta ao dizer: *não cem por cento assim né?*.

Ao ser questionado duas vezes, parece decidir pela imparcialidade e pelos exemplos de como é possível alguém conseguir conciliar os problemas pessoais dos profissionais, respaldado, agora, pela probabilidade de ter alguma margem de erro: *não cem por cento* revela haver algum momento em que essa separação não seja possível. Lodi (2001, p. 43) assevera que esse tipo de comportamento do entrevistador em aceitar, rejeitar, interessar-se ou ofender-se por determinado assunto influencia nas atitudes seguintes do candidato. Esse pode corrigir ou até mesmo mudar a ideia inicial:

Inquérito 3

Linhas 900-910:

L2 é misturar o pessoal com o profissional

L1 cê acha que dá pra separar?

L2 ah sim eu acho

L1 éh?

L2 eu acho... não não cem por cento assim né? porque você é uma pessoa tanto no pessoal quanto no profissional... mas eu acho que se você tem problemas pessoais cê não precisa trazer ele pra dentro do teu escritório da mesma forma que se você tem problemas no teu escritório cê não precisa levar pra casa né? talvez/talvez você:: não sei exatamente qual que é a melhor forma mas se você sair do teu escritório e parar cinco minutos pra respirar e ir embora... vai chegar tranquilo em casa ... né?

L1 eu pensava como você...

(= a pessoa tem vida social e profissional **mas** se tem problemas pessoais não deve trazê-los para a empresa da mesma forma que se você tem problemas no teu escritório cê não precisa levar pra casa)

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 67-95. Kelly Cristina de OLIVEIRA.

Depois de utilizar o modal *acho*, concorda que não é possível que alguém consiga fazer essa separação totalmente, porém usa o operador *mas* unido novamente ao modal *eu acho que* para dizer que os problemas pessoais não devem ser trazidos para a empresa, o contrário também deve ser seguido. Para firmar seu argumento traz uma possível sugestão (ainda não totalmente assumida): *não sei exatamente qual é a melhor forma, do ideal a ser seguido: se você sair do teu escritório e parar cinco minutos pra respirar e ir embora... vai chegar tranquilo em casa ... né?*

O entrevistado busca, ainda, o consentimento do selecionador com o uso do *marcador conversacional né*. Porém, L1 discorda, afirmando que pensava como o candidato, mas que com a experiência de vida adquirida com o passar do tempo, mudara de ideia. L2 concorda com L1: *às vezes não dá... é eu sei disso... às vezes a gente tenta*. Comportamento comum entre os candidatos; pois, como afirma Lodi (*ibidem*), existe uma tendência do candidato de não contradizer o entrevistador, adaptando-se ao modo de ver do selecionador.

Num outro momento da entrevista, L2 desenvolve um tópico discursivo delicado *rudez do chefe*. Apesar de não ser recomendado falar mal da empresa ou do antigo empregador, L2 sentiu-se à vontade para descrevê-lo de forma depreciativa. L1 quis saber, então, como o candidato conseguiu conviver com uma pessoa que tinha esse comportamento, o que é um pouco contraditório. Para isso introduz uma afirmação com o operador *mas*: *mas cê conviveu com ele um tempão*. Nela está implícita a pergunta: *mas, se ele era tão ruim, como é que você conviveu com ele um longo tempo?*

O candidato responde que mesmo considerando o chefe mal educado, tratava-o de maneira política, isto é, tentava ser simpático fora do trabalho e que essa atitude era recíproca:

Inquérito 3

Linhas 941-949:

L1 *mas cê conviveu com ele um tempão*

L2 *um tempão... e:: a:: num ambiente fora de trabalho a gente tinha uma boa relação até talvez por política assim não sei... sabe aquelas de fazer boas vizinhanças... você faz um né? **você faz um agrado de cá pra num ficá né mais ou menos? pra num ser inimigo do do teu chefe***

L1 *num éh... cê tem que ter um*

L2 mas acho que era recíproco assim ele também de vez em quando gostav/e e ia almoçar com a gente pra fazer uma/manter boa relação assim... mas depois que eu saí nunca mais falei com ele tá ligado? então era só profissional a relação

L2 deixa claro que ocorria um acordo tácito de cordialidade entre as partes. O uso do operador *mas* contrapõe e ao mesmo tempo justifica a atitude do candidato. Há dois argumentos consensuais: um parte do princípio que não é bom que os funcionários tenham o chefe como inimigo, pois este supre suas necessidades enquanto empregador; o outro relata que o patrão também não pode fazer dos seus auxiliares inimigos, visto que não alcançará as metas estabelecidas pela empresa:

Consensos:

1. *o empregado faz um agrado para não ser inimigo do chefe*

mas

2. *o chefe também almoça com os empregados para manter boa relação*

Tal relação profissional é a responsável por ele ter convivido por um bom tempo com o antigo chefe.

O VALOR DO MAS QUANDO CONTRAPÕE EM DIREÇÃO OPOSTA

O emprego do *mas* pode ocorrer quando há um argumento introduzido, em seguida a contraposição desse argumento, levando a conclusões contrárias (NEVES, 2000, p. 757). Pode ocorrer envolvendo gradação do argumento mais fraco para o argumento mais forte (que é, então, negado).

No inquérito 1 abaixo, o locutor discorre sobre o tópico discursivo *por que não procurava estágio*. L2 explica que estudava em um turno que não permitia que ele trabalhasse. Só depois de o ter alterado é que começou a mandar currículos, mas sem vontade:

Inquérito 1

Linhas 92-103:

L1 tá intendi... ih::... éh:: ... quando cê/cê tá no/cê tá indo por último ano certo? ano que vem?

L2 ahn ahn

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 67-95. Kelly Cristina de OLIVEIRA.

L1 *éh... por que que só agora... é só agora que cê tá procurando estágio ou cê já tava procurando... como que é isso?*

L2 *NÃO foi assim::... o... esse ano eu mudei pro/prá noite período noturno... e::...*

[

L1 *ah:: tá*

L2 *ai de manhã e:: u:: não procurava estágio aí eu comecei... a procu/eu mandava*

[

L1 *ah:: sim*

L2 *um currículo ou outro no semestre passado mas... nada assim::... aí nesse*

[[

L1 */tendi nada cum::; cum vontade/*

r (mandava um currículo **ou** outro no semestre passado **mas...** nada assim)

(= mandava currículos **mas** sem vontade)

Justifica-se, aqui, um motivo por que não encontrava estágio: *era por falta de mandar mais currículos*. Não podemos deixar de analisar, contudo, a forma com que a pergunta foi formulada, dando apenas duas opções de respostas implícitas as quais deixam marcas subjetivas do entrevistador. Sobre essa forma errônea de agir, Lodi (1991, p.72) assevera: *a forma de pergunta com disjunção incompleta (ou... ou) tem um relativo alto grau de sugestão, um relativo baixo grau de cautela e confiabilidade*. Esse método é também condenado por Garret (1977, p. 77) que considera mais adequadas perguntas que estimulam o investigado a falar livremente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos que o operador argumentativo *mas* assume vários sentidos dependendo do contexto em que está inserido. Cada um deles faz parte de uma estratégia argumentativa, tanto da parte do *entrevistado* quando escolhe e organiza qual operador utilizar (escolha feita no ato da enunciação) para ter uma conclusão pretendida, quanto da parte do *entrevistador* que o emprega para conseguir respostas que demonstrem as habilidades dos candidatos, de modo que: *a qualidade das respostas tem muito a ver com a maneira como são formuladas as perguntas* (GIL, 2001, p. 102).

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 67-95. Kelly Cristina de OLIVEIRA.

Concluímos que o emprego do operador *mas* não é, portanto, restrito somente à oposição de ideias, ele pode assumir sentidos que auxiliam na coleta mais apurada de informações. Outrossim, seu uso demonstrou as várias estratégias utilizadas pelos candidatos e seus esforços para mostrarem-se competentes e adequados, a fim de preencherem a vaga disponível. O estudo semântico argumentativo a que nos propusemos comprovou que unidos a outros operadores, os enunciados são postos em relação à força e à escala argumentativa, e que por meio deles os entrevistados construíram seu *ethos*. Nossa análise destacou que o indivíduo apropria-se da linguagem e a utiliza em seu favor, serve-se dos recursos linguísticos para alcançar seus objetivos. Se o uso for apropriado, é certo que terá mais sucesso para persuadir o outro; caso contrário, a própria língua de que se serve pode demonstrar exatamente o inverso. Portanto, o indivíduo deve saber fazer escolhas lexicais que consigam destacar suas habilidades.

É certo que uma análise semântica desse porte não consegue resolver os problemas existentes consequentes do capitalismo contemporâneo- o desemprego é, e ainda será, tema de várias discussões nos âmbitos social, econômico e político porque envolve exatamente esses setores- , mas alerta para a necessidade do indivíduo comunicar-se bem, usar melhor o instrumento que nasce com ele: a língua.

REFERÊNCIAS

ANSCOMBRE, Jean-Claude e DUCROT, Oswald. Leis lógicas e leis argumentativas. *In*: DUCROT, Oswald. *Provar e Dizer*. Com a Colaboração de M.C. Barbault e J. Depresle. Tradução de Maria Aparecida Barbosa *et al.* São Paulo: Global, 1981.

BROWN, Gillian e YULE, George. *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge U. Press, 1983.

CASE, Thomas Amos. *Como conseguir emprego no Brasil do século XXI*. São Paulo: Catho, 2004.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *A língua Falada no ensino de Português*. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. Tradução de Fabiana Komesu e Dílson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006.

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 67-95. Kelly Cristina de OLIVEIRA.

CHIAVENATO, Idalberto. *Planejamento, Recrutamento e Seleção de Pessoal: Como agregar Talentos à Empresa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

COHEN, Jean *et al.* *Pesquisas de Retórica*. Petrópolis: Vozes, 1975.

DUCROT, Oswald. *Princípios de Semântica Linguística: dizer e não dizer*. São Paulo: Cultrix, 1977.

_____. *Provar e dizer: leis lógicas e argumentativas*. São Paulo: Global Universitária, 1980.

_____. Enciclopédia Einaudi. *Linguagem – Enunciação*. v.2. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, pp. 369-393.

_____. *O dizer e o dito*. Campinas / São Paulo: Pontes, 1987.

FÁVERO, Leonor Lopes. O tópico Discursivo. In: PRETI, Dino. *Análise de textos orais*. 5. ed. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 2001. p. 39.

_____. *et al.* *Oralidade e Escrita: perspectiva para o ensino da língua materna*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 37.

GIL, Antonio Carlos. *Gestão de pessoal*. São Paulo: Atlas, 2001.

GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e argumentação*. 2. ed. Campinas / São Paulo: Pontes, 2001.

GUIMARÃES, Elisa. Figuras de Retórica e Argumentação. In: MOSCA, Lineide do Lago Salvador (Org.). *Retóricas de Ontem e de Hoje*. São Paulo: Humanitas, 2004. pp. 145-160.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e Linguagem*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *A inter-ação pela linguagem*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

LODI, João Bosco. *A entrevista: teoria e prática*. 8. ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o discurso literário*. Tradução de Marina Appenzeller. Revisão da tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). *Gramática de Usos do Português*. 3. ed. São Paulo: Unesp, 2000, pp. 351-405.

VOGT, Carlos. *O intervalo Semântico*. São Paulo: Ática, 1977. (Ensaio, 26)

Revista Metalinguagens, v. 6, n. 2, pp. 67-95. Kelly Cristina de OLIVEIRA.

_____. *Linguagem, pragmática e ideologia*. Campinas / São Paulo: HUCITEC, 1980 (Coleção Linguagem).

Envio: Novembro de 2019

Aceito: Janeiro 2020